

## MIGRANTES HAITIANOS EM SÃO PAULO: HISTÓRIAS E MEMÓRIAS\*

### HAITIANS MIGRANTS IN SÃO PAULO: STORIES AND MEMORIES

 <https://doi.org/10.32735/S2735-61752024000213855>

**Edgar Da Silva Gomes<sup>1</sup>**

[dredgargomes10@gmail.com](mailto:dredgargomes10@gmail.com)

<https://orcid.org/0000-0003-4230-2085>

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo  
São Paulo, Brasil

**Yvone Dias Avelino<sup>2</sup>**

[yavelino@pucsp.br](mailto:yavelino@pucsp.br)

<https://orcid.org/0000-0001-6786-0572>

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo  
São Paulo, Brasil

#### RESUMO

O fenômeno migratório contemporâneo de haitianos, tem um aumento significativo quando inesperadamente, em 2010, o país foi atingido por um forte terremoto, devastando parte do país e matando mais de 200 mil pessoas, gerando uma enorme crise humanitária. Aos poucos, com ajuda internacional e da ONU o país foi superando mais esse desastre, mas entrou em uma forte crise sociopolítica que fez milhares de haitianos se deslocarem para outros países como, por exemplo, o Brasil em especial para a cidade de São Paulo. Brasil e Haiti possuem alguns conteúdos históricos semelhantes que aproximam os dois países. Ambos foram colônias, vivenciaram e foram formados em processos diaspóricos de escravizados africanos, passaram por ditaduras violentas e exílios no século XX. Daremos ênfase neste artigo a busca ilusória por parte desses haitianos de alcançar uma vida melhor em um país como o Brasil que conta com muitas mazelas sociais, políticas e econômicas. Vamos privilegiar em nosso trabalho a análise de trabalhos de pesquisa de campo e história oral sobre os haitianos em São Paulo.

**Palavras-chave:** Haiti; migrantes; decepções; preconceito; história do tempo presente.

#### ABSTRACT

The contemporary migration phenomenon of Haitians increased significantly when, unexpectedly, in 2010, the country was hit by a strong earthquake, devastating part of the country and killing more than 200,000 people, generating a huge humanitarian crisis. Little by little, with international and UN aid, the country overcame this disaster, but entered a serious sociopolitical crisis that caused thousands of Haitians to move to other countries, such as Brazil, especially the city of São Paulo. Brazil and Haiti have some similar historical contents that bring the two countries together. Both were colonies, experienced and were formed in diasporic processes of enslaved Africans, and went through violent dictatorships and exiles in the 20th

---

\* Artículo recibido el 4 de octubre de 2024; aceptado el 21 de diciembre de 2024.

<sup>1</sup> Mestrado em Teologia Área de Concentração História Eclesiástica, Doutorado em História Social, Pós-doutorado em História pelo Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina IHGSC (As Articulações Políticas na Reorganização Eclesiástica no Estado de Santa Catarina na Década de 1920). Pesquisador do Núcleo de Estudos do História Social da Cidade (NEHSC) da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (Brasil).

<sup>2</sup> Possui Graduação em Ciências Humanas (História), Mestrado em História Social, Doutorado em História Econômica e Pós-Doutorado em História pela PUC-SP. Professora titular do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.



century. In this article, we will emphasize the illusory search by these Haitians to achieve a better life in a country like Brazil, which has many social, political and economic problems. In our work, we will prioritize the analysis of field research and oral history works about Haitians in São Paulo.

**Keywords:** Haiti; migrants; disappointments; prejudice; history of the present time.

### **Considerações Iniciais: retrospecto de uma história**

Entre o Brasil e o Haiti existe um grande fosso que os separam em diversos aspectos, as diferenças partem em especial dos aspectos geográficos que são muito distintos, sendo o primeiro um país de dimensões continentais no Atlântico e, o segundo, uma pequena ilha caribenha, porém alguns conteúdos históricos semelhantes aproximam essas sociedades: ambos foram colônias de países ibéricos, vivenciaram e foram formados em processos diaspóricos de escravidão, passaram por ditaduras violentas e crises econômicas severas nas últimas décadas do novecentos.

No aspecto cultural, ainda que a produção acadêmica mais ampla e as línguas diferentes nos distanciem, a literatura haitiana é tão rica quanto a brasileira. Os haitianos tem na figura de Dany Laferrière, autor créole, sua maior expressão. Ele caminha pelo realismo mágico em interpretações emocionadas sobre o seu Haiti, de um modo que nos faz lembrar outro gênio latino-americano, o colombiano Gabriel Garcia Marques, Prêmio Nobel de Literatura. Podemos também apontar a figura de José Veríssimo como primeiro Realista brasileiro. Laferrière trabalha nas suas obras acentuando as relações híbridas entre França e Haiti, Canadá e até Estados Unidos, mostrando uma relação complexa entre diferentes histórias, línguas e culturas, reflexo da história de sua própria vida. No entanto, é preciso destacar as enormes lacunas acerca de um conhecimento mais profundo da produção cultural no Haiti, algo que ocorre também, embora em proporção um pouco menor, em relação à África.

Com esse breve relato inicial passamos agora a percorrer por alguns fatos marcantes da história do Haiti para entender como o primeiro país latino-americano independente e próspero durante boa parte do oitocentos chegou à crise humanitária que se encontra e o que levou sua população a procurar refúgio em outros países, e com isso, vamos tratar com mais atenção os atuais fluxos migratórios dos haitianos para São Paulo. A cidade de São Paulo sempre foi considerada uma cidade acolhedora, a cidade dos imigrantes de variadas regiões europeias, de migrantes do Nordeste brasileiro e agora de imigrantes e refugiados da América Latina como, por exemplo, bolivianos, cubanos, venezuelanos e haitianos. Estamos nos centrando na imigração haitiana porque, de acordo com o Itamaraty, ela pode ser comparada com a imigração italiana e japonesa no período imperial e nos primeiros anos da República.

A história contemporânea do nosso continente começou com a chegada de Cristóvão Colombo em 1492, são impactos semelhantes com resultados desastrosos distintos para o Haiti e o Brasil. Nessa ocasião Colombo fundou na Costa Norte do futuro país caribenho a Vila La Natividade, a primeira ideia de povoamento europeu no Novo Mundo. Na realidade, São Domingos, também chamada La Hispaniola, foi a primeira terra onde esse italiano conquistador, patrocinado pelos Reis Católicos espanhóis, pisou, achando ter descoberto a Índia. Após dois anos dessa descoberta, fundou a primeira cidade no local, La Isabela, em homenagem à Rainha Isabel, a católica. Até o ano de 1505 os invasores já haviam realizado quatro expedições na região e fundado 17 vilas que tinham o perfil europeu.

Se observarmos o modus operandi dos invasores europeus, assim como nas outras colônias espanholas, São Domingos sofreu proibições, restrições e o genocídio de grande parte da população autóctone que foi sendo substituída por nativos de outras ilhas do Caribe e por escravizados africanos para que se desenvolvesse uma cultura econômica agroexportadora.

Como que por ironia do destino, em São Domingos foi fundada a primeira universidade da América, a de São Tomás de Aquino, em 1538, e dois anos depois a Universidade de Santiago da Paz. Segundo Leon Pomer, até meados do século XVIII São Domingos foi a principal cidade do Caribe.

Outro aspecto importante que impacta a região foi o fenômeno da pirataria que rondou a história caribenha, piratas buscavam a ilha, chefiados por Sir Francis Drake. Era necessário que os espanhóis defendessem o território que lhes pertencia, pois o descobriram, invadiram e o aniquilaram com o tempo. Para isso, a Coroa espanhola, em 1603, determinou o despovoamento do norte da ilha, o que fez com que outra potência europeia colonial, a França, ocupasse a parte ocidental, onde seria o futuro Haiti, e apenas em 1697, por meio do Tratado de Ryswick, a Espanha reconheceu a São Domingos como possessão francesa. Desenvolveu-se aí um intenso comércio com nações neutras e um modesto processo de imigração das Canárias.

A colônia francesa mais próspera no continente americano foi São Domingos, e isso principalmente graças aos engenhos de açúcar, ela possuía aproximadamente meio milhão de escravizados africanos em 30 mil km<sup>2</sup> no ano de 1785. As fazendas produziam cacau, algodão e tabaco, mas foi com açúcar e café que a colônia enriqueceu e passou a ser a região mais rica do Caribe. Antes um pouco da Revolução Francesa, 40% do açúcar e 60% do café que eram consumidos na Europa vinham dessa localidade, superando a produção de todas as colônias inglesas nas Antilhas. Essa riqueza veio através do trabalho de muitos homens, mulheres e crianças negras. Para controlar uma população numerosa de escravizados, os senhores de engenho e fazendeiros usavam métodos desumanos, e os castigos impostos eram geralmente violentos, era uma forma violenta de demonstração de poder, segundo Paviani,

A violência pode ser natural ou artificial. No primeiro caso, ninguém está livre da violência, ela é própria de todos os seres humanos. No segundo caso, a violência é geralmente um excesso de força de uns sobre outros. A origem do termo violência, do latim, *violência*, expressa o ato de violar outrem ou de se violar. Além disso, o termo parece indicar algo fora do estado natural, algo ligado à força, ao ímpeto, ao comportamento deliberado que produz danos físicos tais como: ferimentos, tortura, morte ou danos psíquicos, que produz humilhações, ameaças, ofensas. Dito de modo mais filosófico, a prática da violência expressa atos contrários à liberdade e à vontade de alguém e reside nisso sua dimensão moral e ética. (Paviani, 2016, p. 8)

No entanto, com a Revolução Francesa, as coisas mudaram. A declaração da Assembleia Nacional de Paris sobre a Liberdade e a Igualdade de todos os homens repercutiu fortemente na São Domingos francesa. Os escravizados levantaram-se contra os poderosos plantadores de cana-de-açúcar; as ingerências espanholas na São Domingos francesa já vinham de algum tempo e acabou por estimular essa rebelião, sem este propósito, é claro, os espanhóis jamais estimulariam escravizados a se tornarem homens livres.

É importantíssimo notar que a condição dos escravizados na parte francesa da ilha foi se tornando caótica, elas eram as mais duras do Caribe. Por fim, Robespierre aboliu a escravidão e os negros do Haiti auxiliaram os franceses contra as invasões espanholas e inglesas. Na

região, a religião vodu, um hibridismo entre o catolicismo e os ritos africanos se manteve na ilha. O idioma francês foi muito simplificado e deu origem a uma nova língua franca o créole. O créole foi a língua dos negros e continua sendo falada até hoje. Para a elite local que fala o francês essa linguagem é um dialeto vulgar, de uma população sem cultura. Para a grande massa, porém, o créole é a sua identidade, sua expressão de comunicação cultural e de sabedoria popular.

Outra questão importante é que a liberdade dos escravizados em Santo Domingos foi efêmera, pois com Napoleão no poder, tudo volta ao que era, sendo a população reconduzida à escravidão, mas ninguém volta a ser escravo sem uma luta que valha a pena. A luta pela liberdade foi sangrenta e bárbara, com atrocidades cometidas dos dois lados. O exército de Napoleão, além da luta, foi dizimado por um surto de febre amarela. Os franceses foram expulsos e Santo Domingos, futuro Haiti, tornou-se a primeira República da América Latina e a segunda nação livre americana, em 1804, depois dos Estados Unidos. A parte ocidental da ilha, sob o domínio francês, tornou-se independente graças Jacques Dessalines, fundador da República do Haiti, que vai à Espanha para negociar sua independência, consumada apenas em 1821. O Haiti sofreu um revés ainda no oitocentos quando ficou, por um curto espaço de tempo, sob o domínio da República Dominicana e, em 1844, tornou-se definitivamente independente. A primeira terra livre, independente, uma república de negros tendo como líder Toussaint L'Ouverture, considerado o baluarte das ideias mais avançadas do continente no período em que governou o país.

Prestemos atenção no ideário da Revolução Francesa, ele foi acolhido pelas lideranças dos escravos rebelados, os Jacobinos Negros, como os denominou C. L. R. James, Toussaint concebeu o projeto de fazer da Ilha de São Domingos um país independente, que se aliará à França revolucionária em pé de igualdade e se converteria em um baluarte das ideias mais avançadas no continente americano. O projeto não vingou e Toussaint terminou sua vida tragicamente, mas a independência do Haiti se formalizou.

O preconceito atingiu em cheio as pretensões dos haitianos desde o início de sua história de independência. Os Estados Unidos não reconheceram a nova república, já que um país governado por negros era uma forte ameaça às terras do Sul dos Estados Unidos, onde o modo de produção ainda era o escravista. Foi na Guerra Civil Americana, 60 anos depois, que os Estados Unidos reconheceram a independência do Haiti, após a libertação das treze colônias do Sul, reconhecidas em seu território.

Sabemos que as dificuldades não pararam por aí, na Europa, França e Inglaterra se uniram para bloquear o comércio com o Haiti, naturalmente preocupados com o simbolismo de uma nação de negros. Determinaram que, para reconhecerem a república, se fazia necessária uma indenização para pagar os prejuízos, com a perda do patrimônio, terra e escravos. Esse pagamento foi feito 20 anos após a independência e mutilou a economia da nova República que, obrigada a contrair empréstimos, teve durante décadas seu crescimento econômico prejudicado.

Mais um absurdo na história do Haiti foi o fato de que nas guerras de independência na América do Sul, para formação das novas repúblicas desta parte do continente, os libertadores receberam ajuda do governo haitiano, as lutas de independência foram comandadas por Simón Bolívar, cujo território recém-liberto, também boicotaram a *república dos negros*. Os caudilhos do Sul temiam um país governado por negros, deixando o Haiti por quase um século isolado de seus vizinhos. Porém, durante boa parte do século XIX, o país passou por uma aparente calma econômica e seu desenvolvimento em relação aos demais países da América Latina bastante foi razoável.

Uma questão complicada é que pós sua independência, sucederam-se no Haiti mais de 30 chefes de Estado, alternando-se com certa regularidade os representantes de cada setor. Houve muita instabilidade política no país, isso sempre foi uma realidade dessa pequena nação, com a construção do Canal do Panamá, em 1904, o Haiti adquiriu uma importância estratégica para os Estados Unidos, um dos motivos da invasão norte-americana e a ocupação do país entre 1915 e 1934, foi o de garantir o controle da linha marítima que conduzia ao Canal. Jean François Duvalier, intelectual de alta cultura, presidiu o Haiti por quase três décadas, implantou um regime de terror e para se manter no poder submeteu-se à hegemonia norte-americana, e seu país tornou-se um satélite do país do norte da América, vendendo seu voto na reunião da Organização dos Estados Americanos (OEA), excluindo Cuba dessa instituição, causando um escândalo internacional.

As histórias dramáticas de Brasil e Haiti se cruzam nos anos de 1960. No mesmo ano em que o Brasil iniciava seu calvário com a Ditadura Militar, 1964, Duvalier conseguiu que a Câmara Legislativa votasse um decreto que fazia de seu filho, Jean Claude, de 19 anos, apelidado de *Baby-Doc*, herdeiro na presidência vitalícia. Ao morrer, seu pai lhe deixou duas heranças, a política e uma expressiva quantia em bens e dinheiro, além de poder contar também com a proteção do governo americano. Auxiliado por sua mãe, *Mama Simone*, que o ajudou a governar e a contrair empréstimos exagerados, governou o país por 15 anos, mas uma grave crise econômica fez com que os olhares internacionais o pressionassem. Deixou o país em situação calamitosa, apesar de ser um homem extremamente rico.

A triste realidade é que durante quase todo o século XX o Haiti sobreviveu sob governos ditatoriais sanguinários, além de corruptos e incompetentes, havendo uma série de golpes de Estado.

As lutas internas pelo poder e as constantes intervenções estrangeiras de todo o tipo, desde a colônia até o presente, a Francesa, a Inglesa, a Espanhola, a Norte-Americana não permitiram a formação de uma homogeneidade compacta da população. Nem americano, nem africano, profundamente caribenho, o Haiti ainda é somente um país não é uma nação. Essa situação de transição e divisão se reflete nos elementos culturais da população e condiciona suas potencialidades em relação ao seu desenvolvimento (Grondin, 1985, p. 11)

O século XXI não trouxe novas perspectivas para o povo haitiano, a instabilidade voltou com novos golpes e com a referida ocupação norte-americana. Com a saída dos norte-americanos, que ali desenvolveram um bom sistema de estradas e segurança policial, novas ditaduras ocuparam o cenário com novos golpes, instabilidades econômicas que se sucediam com governos corruptos. A ONU é chamada a intervir. Para lá também foram forças militares brasileiras para ajudarem a manter a ordem e para contribuir com obras de saúde e infraestrutura. Houve enfrentamentos em Porto Príncipe, cuja pacificação ficou a cargo dos brasileiros, que sempre estiveram na prática dessa ação no Rio de Janeiro, especificamente no Complexo do Alemão.

Por um curto espaço de tempo houve uma aparentemente paz na sociedade haitiana, a instabilidade política e econômica foi sendo controladas, mas inesperadamente, em 2010, o país foi atingido por um forte e mortífero terremoto que alcançou a capital, devastando-a e matando mais de 200 mil seres humanos, gerando uma enorme crise humanitária. Aos poucos,

com ajuda internacional e da ONU o Haiti foi superando mais esse histórico de desastre, agora da parte da natureza, mas a economia ficou devastada.

Durante boa parte do século XX o fenômeno migratório foi bastante incentivado pelos países em busca de mão-de-obra par o que ficou conhecido como segunda onda de industrialização que ocorreu em boa parte dos países em desenvolvimento. Este fenômeno foi comum no Brasil até o final da década de 1960 quando as grandes crises do capitalismo dos anos 1980 e 1990 colocou um freio no desenvolvimento de muitos países latino-americanos. Um fato digno de nota é que no Brasil e em muitos outros países do continente americano, o migrante europeu ou asiático, em especial os japoneses, tiveram muito mais incentivo para realizar o sonho do migrante enriquecer em terras distantes. Isso não ocorre mais, pois o capitalismo, em sua atual forma, não permite a mesma mobilidade social que havia em boa parte do século XX. Este retrospecto sucinto sobre o fenômeno histórico da migração, abordando o caso haitiano para o Brasil, difere dos fenômenos migratórios e suas causas no século XXI, que é o foco de nossa análise.

Segundo Sidnei Dornelas, as causas das migrações contemporâneas, em muitos casos, ainda guarda resquícios das causas migratórias do passado como, por exemplo, a facilidade de se locomover de um ponto a outro do globo em busca de uma vida melhor. Mas, nós acreditamos que hodiernamente este motivo citado por Dornelas esteja cada vez mais utópico, porém ele ainda é um fato, em especial nos casos em que latino-americanos buscam os Estados Unidos com esta ilusão de enriquecimento baseados na falácia do *sonho americano*. As migrações contemporâneas estão sim baseadas em outros aspectos que estão muito além das causas econômicas, para Dornelas,

As diásporas modernas têm origem em amplos fenômenos de migração do século passado, que se amplificam com a globalização da economia, fomentadas pelas facilidades de deslocamento e de comunicação. Trata-se de dispersão que também e intensificada por uma somatória de causalidades que vão além das causas econômicas. O aumento dos conflitos armados no mundo, a violência do crime organizado, os diferentes níveis de perseguição política, étnica e religiosa, sem contar os efeitos do desequilíbrio ambiental, vêm originando outras formas de deslocamentos de refugiados (Dornelas, 2018, p. 123).

A migração haitiana analisada neste artigo revela um misto de experiencias traumáticas experienciadas em suas comunidades locais. O deslocamento não é, em geral, uma livre escolha, mas uma necessidade imposta pelas condições adversas que enfrentaram no Haiti, a citar, os efeitos do desequilíbrio ambiental e a violência do crime organizado, que foram observados por nós em nossas pesquisas, em especial, de campo com migrantes haitianos em São Paulo, além da produção acadêmica citadas por nós.

A migração haitiana para o Brasil ainda não atingiu como, por exemplo, o grau de complexidade das comunidades chilotas em Ushuaia (1947-2020), que foram pesquisadas por Saldivar Arellano (2024), que percorre um arco de tempo que cobre as migrações históricas até as bases contemporâneas no ótimo trabalho intitulado, *Idades Migratórias e Vida Transnacional das Comunidades Chilotas em Ushuaia, tierra del fuego, argentina, de 1947 a 2018*. Os haitianos se inserem diretamente na última fase onde muitas vezes migrar não é mais uma escolha apenas

para ter uma ascensão social, mas muitas vezes um mecanismo de defesa da integridade da própria vida. Apesar do acento que damos na análise de que os haitianos em São Paulo também buscam melhorar sua vida no aspecto socioeconômico, eles dificilmente atingem esse objetivo, mas se somam a uma legião de excluídos que também atinge brasileiros pobres e periféricos.

### **A metamorfose das leis brasileira para imigração**

A questão migratória no continente americano, especificamente para o Brasil, pode ser abordada por enfoques diversificados. É frutífero nesse universo analisá-los de forma macroscópica, buscando suas estruturas e as razões de seus deslocamentos. Não deixa de ser também importante adotar um enfoque mais microscópico, mais pontual que analise a trajetória de famílias e suas localizações em diferentes regiões. Os deslocamentos forçados, por causas humanitárias, trazem invariavelmente problemas de adaptação de difíceis soluções como, por exemplo: língua, tradições, trabalho, relações sociais, culturais, entre outros.

Há ainda o enfrentamento das reações da comunidade local que poderá rejeitar socialmente os imigrantes pelos seus modos de vida originais. Esse problema sempre existiu, mas essa não é uma via de mão única, pois o oposto também poderá ocorrer. Em tempos mais remotos, havia comunidades que aceitavam e até encorajavam aqueles que chegavam por representarem o desenvolvimento, a sociabilidade e a melhoria da comunidade, na medida em que os imigrantes buscavam a fixação. Hoje como a exacerbação da xenofobia, as comunidades locais têm a tendência de rejeitar o imigrante, ou até mesmo os migrantes dentro de um país como, por exemplo, a rejeição que muitos nordestinos sofrem no sul e sudeste do Brasil.

Com relação aos haitianos, pesam fatores como a desigualdade financeira e cultural, apesar de um passado colonial comum, e os mais de duzentos anos de independência formal e de desenvolvimento capitalista aprofundaram as contradições entre o Haiti e o Brasil. Entre as áreas americanas, na maior parte do continente, chamado de América Latina, temos hoje um processo agudo de lutas populares por causa da desigualdade em um cenário gritante de injustiças sociais, onde homens e mulheres buscam arduamente um espaço de liberdade, amor, justiça e solidariedade. Este grito abafado, só pode ser entendido a partir das raízes históricas da opressão e das lutas de libertação dos povos americanos.

Vamos observar alguns dados estatísticos do IBGE (s. d.), percebemos que desde a entrada dos primeiros grupos de alemães, fundadores de Nova Friburgo, até os anos finais do século XX, quase 6 milhões de imigrantes entraram no Brasil. Nos anos 1970, precisamente em 1972, estando o Brasil e Portugal sob funestas Ditaduras, foi assinado um convênio entre os governos dos dois países, que estabeleceu a igualdade de direitos e de deveres entre brasileiros e portugueses. Em 1980 foi aprovado o Estatuto dos Estrangeiros, Lei n. 6.815, que define a situação jurídica do estrangeiro no Brasil e, na ocasião, criou-se o Conselho Nacional de Imigração.

Podemos afirmar de forma categórica que a situação legal para os imigrantes no Brasil, desde o final do oitocentos teve algumas idas e vindas. Alguns dos chamados barões do café: os irmãos Prado, senador Queiroz, Jorge Tibiriça, entre outros, por interesses econômicos, em julho de 1886 criaram a Sociedade Promotora de Imigração, sem fins lucrativos, essa sociedade fomentou a imigração europeia para São Paulo, essa ação foi amparada pela lei provincial de 28 de outubro de 1885, e teve por base a lei do Império de 28 de setembro do mesmo ano, estabelecendo o sistema de imigração por contrato com reembolso da passagem e algumas despesas básicas ao imigrante ou à família de imigrantes que se aventurassem a se deslocar para cá (Santos, 2007). Essa iniciativa foi responsável pelo impulso da atração de imigrantes para São Paulo. Com o iminente fim da escravidão a elite paulista procurava uma forma barata para suprir a mão-de-obra dos escravizados, o que acabou ocorrendo.

Podemos avançar para a primeira metade do novecentos e observar que, a crise econômica mundial balançou as economias mundo afora e o Brasil também foi duramente atingido. Mas, as elites não podem se dar ao luxo de perder seu capital investindo em mão-de-obra, o incentivo à imigração já estava sendo restringido desde o início do novecentos como, por exemplo, a exigência de uma carta de chamada, de acordo com Elis Regina Ângelo,

(...) o chamante obrigava-se a lavrar, em um tabelião, a chamada 'Escritura Pública de Manutenção' que dava complemento ao documento (...) As Cartas de Chamada, a partir de 1911 são regidas por uma legislação específica, sob ordenamento do decreto n. 9.081, as tratativas de normas que deveriam ser seguidas para a entrada no país subsidiavam ações e objetivos regulamentares de como deveria ser a imigração no Brasil. Em 1945 a legislação que conduzia novos objetivos para entrada de estrangeiros no país começa a vigorar, a fim de reordenar os grupos de emigrantes dos mais diversos pontos no pós-guerra. (Ângelo, 2022, p. 43).

É interessante observar que ao passo que a mão-de-obra se tornava suficiente para atender os interesses do capital no país, o governo brasileiro arrojava as regras para a entrada de novos imigrantes. No primeiro governo de Getúlio Vargas nos anos 1930 a imigração esteve na pauta dos interesses econômicos, a fim de preservar o emprego dos nacionais, as restrições aos imigrantes, que outrora eram bem-vindos mudaram de denário com as Leis dos 2/3 e a de Cotas,

Após décadas de todo tipo de incentivo dados aos migrantes estrangeiros, o governo brasileiro criou medidas restritivas para a entrada dos mesmos. O resultado dessa interrupção foi toda uma política governamental voltada para a direção oposta do que havia sido feito até então: a Lei de Cotas. Esse bloqueio institucionalizado ocorreu durante o governo de Getúlio Vargas, com adoção de novas medidas normativas que entraram em vigor com a Constituição, em 16 de julho de 1934. Na verdade, muito antes disso, com a dissolução do Congresso Nacional e das Assembleias Estaduais, a questão migratória já era um tema central do governo no começo da década de 1930 (...) A Lei dos 2/3 entrou em vigor com o decreto nº 19.482, de 12 de dezembro de 1930, obrigando qualquer empresa e firmas comerciais a apresentarem, pelo menos, dois terços de funcionários de brasileiros natos. Hoje, essa lei é incorporada à Consolidação das Leis do Trabalho, que entrou em vigor em 1943, sob o nome de



"nacionalização do trabalho". Os primeiros atos do movimento de 1930, logo depois da criação do Ministério do Trabalho, trataram das medidas de emergência sobre a localização e tutela do trabalhador nacional. O decreto n. 20.291, de 12 de agosto de 1931, regulamenta a Lei dos 2/3 (Museu da Imigração, 2020).

O número de imigrantes que entram anualmente no Brasil segue expressivo e provém do próprio continente latino-americano, com destaque para os haitianos e venezuelanos, onde se concentram hoje expressivos setores da sociedade vivendo abaixo da linha da miséria nos países de origem. Essa situação de pobreza se deve, geopoliticamente, a uma situação de domínios externos variados como, por exemplo, ocupação territorial de ajuda humanitária mal planejadas até bloqueios econômicos com viés ideológicos.

Alguns fatores contribuem para que os haitianos continuem emigrando para o Brasil, em especial para a cidade de São Paulo tem como consequência os fenômenos da natureza, a pequena ilha caribenha foi devastada por um grande terremoto no ano de 2010. A situação de pobreza enfrentada pela população local foi agravada ainda mais, o quadro de desigualdade na distribuição de renda no país é gritante, fator comum em outros países da América Latina, que apresenta um dos piores coeficiente de desenvolvimento humano em âmbito mundial.

As acentuadas disparidades sociais da região têm impactos negativos sobre a capacidade de poupança nacional, sobre a dinâmica do mercado interno e sobre a saúde pública, favorecendo a exclusão social, corroendo a confiança interna e debilitando a governabilidade democrática, é mais uma causa para saída de milhares de haitianos de seu país em busca de melhores condições de vida, e quando se encontram em condições de trazer seus conterrâneos, o fazem através de uma rede de solidariedade como houve no passado entre os imigrante que chegavam a São Paulo,

Ao se mencionar as categorias de associações diversificadas existentes (...) a questão de criação de redes (...) leva em seu bojo a questão de ser representada por grupos e indivíduos com interesses comuns (...). O auxílio entre irmãos, parentes, amigos e conterrâneos parece ter sido comum durante os fenômenos emigratórios, dos quais as mais diversificadas formas de ajuda eram compartilhadas nas suas mais diversas formas. Além das cartas de chamada, havia a troca de informações que percorria o atlântico e chegava aos ouvidos dos moradores das ilhas, que tinham em comum o objetivo de emigrar a fim de mudar as suas histórias. As memórias que definem de certa forma essa rede de relações entre os membros de uma família se encontra em diversas falas, que representam certos direcionamentos antes da escolha do local, da viagem e seus preparativos. (Ângelo, 2022, p. 45)

Se observarmos as duas primeiras décadas do século XXI, o Brasil recebeu um grande fluxo de imigrantes latino-americanos, em especial, da Venezuela e do Haiti. Essa situação foi

responsável pela criação da Lei n. 13.684/2018, “que define ações de assistência emergencial para migrantes e imigrantes em situação de vulnerabilidade decorrente de fluxo migratório provocado por crise humanitária” (Agência Senado, acesso 25/06/24).

Durante as discussões para a aprovação dessa lei, oriunda da Medida Provisória 80/218 de 12 de junho, foi vetado o artigo que pretendia instituir um tipo de cota para recepção de imigrantes venezuelanos no país, essa lei que teve como origem a preocupação com o fluxo de venezuelanos em Roraima pode ser aplicada à outras imigrações como, por exemplo, haitianos, entre outras. Desta forma a preocupação com o grande fluxo de entrada de imigrantes nas últimas décadas fez nascer uma nova norma para recepção de estrangeiros no território nacional.

### **O pesadelo haitiano em São Paulo: subemprego, preconceito e racismo**

Um grande contingente humano deixou o Haiti e muitos rumaram para São Paulo logo após o terremoto catastrófico que assolou o país no ano de 2010. Em 2011 um presidente haitiano foi conduzido ao poder pelo voto popular. *Tratava-se do famoso músico Sweet Micky*, que gozava de prestígio popular e era bastante preocupado com a educação e com a recuperação econômica do país. Vários haitianos começaram a regressar para ajudar a reconstruir aquela terra arrasada. Membros da diáspora voltaram com novo alento e com experiências diversificadas com o que aprenderam, produziram e economizaram, infelizmente esse propósito não foi alcançado.

No ano de 2021 o presidente em exercício, Jovenel Moïse, foi assassinado. Segundo matéria investigativa do jornal espanhol El País, o presidente planejava entregar as autoridades americanas uma lista com nomes de políticos e empresários de seu país com envolvimento no tráfico de drogas. No atentado a esposa do presidente, Martin Moïse, foi ferida com gravidade, mas sobreviveu e em seu depoimento às autoridades, admitiu que a casa foi vasculhada pelos pistoleiros, em sua maioria colombianos, que buscavam pelos documentos que incriminavam os poderosos envolvidos (Garcia, 2021), ou seja, o refluxo de haitianos de volta para seu país com o propósito de ajudar a reconstruir o Haiti para ter a estabilidade que buscava em outro país foi frustrada mais uma vez na história da pequena ilha caribenha.

O senso de entrada de imigrantes aponta que boa parte dos haitianos emigraram para o Brasil a partir de 2010 se encontram em São Paulo. É possível cruzar com eles nessa suposta acolhedora metrópole. São trabalhadores, muito calados e quando abordados, pouco expressam opiniões, procurando se comunicar por monossílabos e gentilmente vão se retirando. Na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, há algumas mulheres haitianas no setor terceirizado da limpeza, com quem tentamos dialogar e não conseguimos nada de concreto.

Devemos observar que há algumas confusões conceituais entre os vários deslocamentos contemporâneos na América Latina, em especial, nos grupos compostos por haitianos e venezuelanos. Nesses grupos os sujeitos dessas comunidades não conseguem definir se estão enquadrados entre imigrantes, refugiados e exilados políticos. Naturalmente as pessoas que se encontram nessas situações têm entre si algumas semelhanças.

Mas, as pessoas que se emigram de forma voluntária de seu país de origem para outro, com intenção de se estabelecer por algum tempo ou até definitivamente no Estado que a acolhe é considerada imigrante. O imigrante pode ser amparado por uma legislação apropriada em ocasiões diversas e isso pode ser alterado de acordo com as leis vigentes para este fim em cada país. Há inúmeros motivos para que um indivíduo migre, mas o principal deles é sempre o econômico, levando a pessoa que partiu, a ter a esperança de melhorar as suas condições de vida no país que a acolhe.

Ao Sul do nosso continente, o Brasil foi o país que mais recebeu imigrantes europeus na segunda metade do século XIX, em virtude da falta de braços para as lavouras de café, mais precisamente a partir do ano de 1870, em virtude iminente abolição da escravidão. A região paulista foi o foco irradiador desse processo e o *Ouro Verde* era o que mantinha o eixo econômico do país, e política e culturalmente sustentava uma oligarquia governante que recebeu e contratou o imigrante, seja na zona rural ou urbana.

Durante a década de 1960, em plena Ditadura Militar, ocorreu uma imigração específica, eram os intelectuais que, perseguidos pela Ditadura Salazarista, em Portugal, vinham para as universidades, especialmente a Universidade de São Paulo, para os jornais de grande divulgação ou formaram seus ateliês de pintura ou seus escritórios de arquitetura, mas estavam ligados à agremiações político-partidárias e fundaram jornais como o Portugal Democrático e o Portugal Livre, respectivamente nas cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo.

A legislação que regula o status de imigrante é viva e atende as especificidades de cada contexto histórico-político de um país, a Lei n. 13.445/2017 estabelece novas designações e obrigações a pessoas de outros países que trabalham, residem ou se estabelecem temporária ou definitivamente no Brasil.

Para os imigrantes que têm por objetivo se instalar definitivamente no país, esses devem passar pelo processo de requisição da autorização de residência e os que desejam se estabelecer temporariamente, recebem um visto temporário. Alguns outros, que apenas visitam o país requerem vistos de visita, diplomático, oficial ou de cortesia. As razões são as mais variadas como pesquisa acadêmica, extensão acadêmica, tratamento de saúde, estudo científico, tecnológico ou cultural, acolhida humanitária e reunião familiar. Nesse cadinho diferenciado, no ano de 2015, segundo dados do IBGE, havia 1,8 milhões de imigrantes no Brasil e, em 2016, foram recebidos outros 126.258 imigrantes no país.

Se um indivíduo que esteja na condição perseguido em seu país de origem, por motivos políticos, e pede a outro país para recebê-la é considerada asilada política. Para receber esse benefício, o solicitante não pode ter cometido crime ou estar aguardando julgamento. A prática do asilo político existe desde a formação do Estado Moderno, cujo marco é de 1648 quando é assinada a Paz de Westfália, por ocasião do fim da Guerra dos Trinta Anos na Europa. É importante esclarecer que cabe ao Estado receptor aceitar ou não o pedido de asilo político, pois esta passa a ter um vínculo individual com o Estado que decide acolhê-lo. Muito embora o asilo político não seja de interesse específico deste artigo, achamos por bem colocar essas diferenças.

Temos também outra especificidade para qualificar um emigrado, é a de alguém que emigra de seu país de origem na condição de refugiado, essa definição é dada a toda pessoa que por razões variadas encontra-se fora de seu país de origem e que por essas razões como, por exemplo, religião, associação a grupos políticos, entre outros, busca refúgio em outros países. A ONU considera nossa época a de pior crise humanitária do século. Em 2015, o grupo de pessoas que se deslocaram de seus países, fugindo de perseguições políticas ou religiosas chegou 65,3 milhões de pessoas.

Segundo a Organização das Nações Unidas (ONU), por decisão da Assembleia Geral de 1950, Resolução n. 429-v, convocou em Genebra, no ano de 1951, uma Conferência de Plenipotenciários das Nações Unidas para redigir uma Convenção reguladora da situação legal dos refugiados, sendo assim, a Convenção das Nações Unidas sobre o Estatuto dos Refugiados foi adotada em 28 de julho de 1951, entrando em vigor em 22 de abril de 1954. Segundo as normas das migrações, essa Convenção deve ser aplicada sem discriminação de raça, religião, sexo e país de origem, estabelece cláusulas essenciais para o bom acolhimento e

inclui a definição do termo refugiado, estabelecendo que nenhum país pode expulsar um refugiado contra sua vontade e estabelece providências para solucionar documentos, como passaporte.

Devemos reforçar que, sobre a confusão de conceitos, não é todo imigrante possui status de refugiado. A vinda de haitianos tem aumentado muito no Brasil nos últimos anos, mas não vamos considerá-los refugiados, apesar de estarem saindo do Haiti pelas condições degradantes de vida e do terremoto de 2010, conforme já nos referimos anteriormente.

Migrantes haitianos que entraram no Brasil de forma regular, receberam vistos emitidos pelo governo brasileiro de residência permanente por razões humanitárias. Desde a data do terrível terremoto, 40 mil haitianos já entraram no território brasileiro que, segundo a legislação regulamentada, devem receber tratamento digno para sobreviverem como cidadãos de plenos direitos, isso graças a Convenção de 1951 e o Protocolo de 1967 são os meios através pelos quais é assegurado a qualquer pessoa, que em caso de necessidade, possa exercer o direito de procurar e receber refúgio em outro país.

É importante observar que São Paulo foi o primeiro estado do Brasil a ter uma comissão exclusiva para atender os interesses dos refugiados. Trata-se do Comitê Estadual para os Refugiados, cujo presidente é o Secretário da Justiça, da Defesa e da Cidadania que terá como missão garantir os direitos dos estrangeiros que vivem no país com base na Lei Federal n. 9.474/1997. São políticas de assistência, inclusão social e garantia dos direitos humanos. Integram esse organismo estadual diversos segmentos do governo e da sociedade civil. Além do Secretário de Justiça há ainda a Casa Civil, Economia e Planejamento, Habitação, Assistência e Desenvolvimento Social, Emprego e Relações de Trabalho, Educação, Saúde, Relações Institucionais, Cultura e Segurança Pública. Compõem também o comitê, além dessas dez pastas, dois representantes de Organizações não Governamentais voltadas a atividades de assistência e proteção a refugiados no estado e no país.

Sobre deslocamentos a cidade de São Paulo também tem uma lei própria. Foi aprovada pela Câmara de Vereadores e sancionada na gestão do prefeito Fernando Haddad, em seguida, durante o Fórum Mundial da Migração, foi colocado que o objetivo dessa legislação é promover os Direitos Humanos dos imigrantes e dos refugiados, e estabelecer princípios valiosos no município.

Observemos as condições dos emigrados haitianos que chegarem à cidade de São Paulo. Eles se juntaram aos demais estrangeiros que dormiam em um salão que foi improvisado para esse fim na Igreja Nossa Senhora da Paz, na Baixada do Glicério, onde o padre Paolo Parise realizava um serviço humanitário exemplar que deveria ser seguido por outras igrejas cristãs.

Funciona em um anexo à Igreja a Casa do Migrante, que possui uma infraestrutura básica de acolhimento, cujas 110 vagas, em geral, se apresentam totalmente preenchidas, em especial na ocasião da chegada dos primeiros haitianos na cidade. Na ocasião o padre se emocionou, pois o cenário era dramático, já que muitos dos que chegavam já estavam há três ou quatro dias sem banho e mais de 24 horas sem alimento. O padre Parise conseguiu providenciar sopão para os forasteiros, cobertores, colchonetes e malas que se amontoaram durante uma reza coletiva em que pedia a Deus para que aqueles recém-chegados encontrassem empregos e para que se resolvesse aquela penosa situação. Mais de vinte mulheres conseguiram ser acomodadas em um corredor no saguão da igreja.



**Imagem 1: Haitianos acesso a direitos em São Paulo.** Créditos: diário [reporterbrasil.org.br](http://reporterbrasil.org.br).  
(<https://reporterbrasil.org.br/biblioteca/haitianos-acesso-a-direitos-em-sao-paulo-sp/>)

Os imigrantes haitianos, na maioria dos casos, que chegaram à cidade de São Paulo tinham deixado a família no Haiti como, por exemplo, o ex-agricultor Vilsenor Rebeca, de 37 anos que disse: “Disseram que havia muito emprego aqui, mas me decepcionou ao conversar com colegas que estão parados há meses”. Gastou quatro mil dólares em uma longa viagem de quinze dias partindo de Porto Príncipe de avião até o Panamá, de lá para o Acre, via República Dominicana, Equador, Peru e Bolívia e mais três dias de viagem de ônibus rumo à capital paulista. Outro relato é do haitiano Jeaneenis, 40 anos, “Eu sofri muito preconceito, principalmente no início. As pessoas me xingavam, mandavam eu voltar para o meu país. Eu chorava todos os dias”, (...) Sua trajetória remete ao mesmo caminho que a maioria dos imigrantes no Estado mais rico do País. (Portal R7, 01/04/2019).

Se observarmos os fluxos migratórios de haitianos para o Brasil, eles iniciaram-se de forma tímida após o terremoto de 2010, intensificando-se a partir de 2011 e 2012. Segundo dados estatísticos do Ministério da Justiça, nesse período entraram ilegalmente no país 4 mil imigrantes haitianos, vindos pelas fronteiras do Acre e do Amazonas ou pelas rotas de Roraima, Mato Grosso e Amapá. Segundo o professor José Ailton, que defendeu sua tese na Faculdade de Saúde Pública da USP, focada na exclusão e invisibilidade da comunidade caribenha na cidade de São Paulo, a situação do imigrante haitianos enfrenta inúmeros percalços, entre eles o racismo que está enraizada na sociedade brasileira. Infelizmente, o imigrante haitiano teve muitos motivos para emigrar para além do terremoto de 2010, a situação de violência política, a partir de 2004 está entre esses motivos,

O retrato de sobrevivência de Jeaneenis e demais haitianos foi estudado, no ano passado, pelo professor doutor na Faculdade de Saúde Pública da USP (Universidade de São Paulo) José Ailton Rodrigues dos Santos. A exclusão, sofrimento e preconceito em relação aos imigrantes fora analisada por 14 anos pelo docente, que concluiu em Haitianos em São Paulo – exclusão, invisibilidade social e sofrimento social. Desde 2004 até fevereiro de 2019, a Polícia Federal de São Paulo recebeu 31.548 entradas

de haitianos no Estado (...) a “descoberta” do Brasil pelos haitianos se deu por volta de 2004. A Minustah (Missão das Nações Unidas para Estabilização do Haiti) foi criada, em fevereiro daquele ano, para reestabelecer a segurança e a normalidade do país caribenho após sucessivos episódios de violência e turbulência política, que culminaram com a queda do então presidente Jean Bertrand Aristide. Desde o início, a operação internacional foi liderada pelo Brasil. “Obviamente alguns haitianos já conheciam o nosso país, mas desde a missão esse conhecimento se intensificou, assim como a ideia de vir para cá e tentar uma vida melhor (...), mas, O Brasil é um dos países mais mistos mundialmente, formado por diversas culturas e etnias. No entanto, ainda assim, é um país racista. E São Paulo escancara isso. (Aguilar, 2019).

Apesar de muito poucos, temos casos bem-sucedidos de adaptação, mas são raros e estes inspiram os companheiros. Há 18 lojinhas próximas a igreja católica na Baixada do Glicério, seis dessas lojas pertencem a haitianos. O bairro do Glicério foi transformado pela camaradagem, responsabilidade e religiosidade que ali nasceu entre haitianos, moradores e comerciantes. Há no bairro também três igrejas evangélicas que realizam cultos na língua créole e na igreja Nossa Senhora da Paz ocorrem festas tradicionais com música e gastronomia haitianas.

De acordo com algumas declaração de comerciantes e moradores do Glicério, os haitianos, “São pessoas trabalhadoras que aprendem com rapidez e muitas delas têm ensino superior”, e aqui devemos frisar mais uma vez o racismo presente na sociedade brasileira, como frisado pelo professor José Ailton, em condição de anonimato, por receio de perder o subemprego que tem, uma homem haitiano de aproximadamente 40 anos nos relatou que ele e muitos de seus conterrâneos haitianos, com ensino superior nas mais diversificadas áreas – engenharia, saúde, educação, entre outras – se sujeitam a esses subempregos por estar implícito o racismo e o preconceito de selecionadores de cargos de ensino superior quando se deparam com haitianos qualificados que buscam emprego em suas áreas de formação. Este é um fenômeno que não se restringe aos imigrantes, pois conhecemos bem o racismo estrutural em nosso país.

### **Considerações finais: uma nota da história oral sobre imigrantes haitianos em São Paulo**

Nesse nosso estudo podemos constatar que a pesquisa realizada pelo professor José Ailton, que é sociólogo, é um dos melhores trabalhos sobre o imigrante haitiano que vive em São Paulo, por isso, vamos explorar um pouco mais de seu trabalho.

Tivemos acesso a uma matéria sobre a pesquisa que foi publicada no *Jornal da USP* intitulada, “Exclusão e sofrimento marcam a vida de imigrantes haitianos em São Paulo”, em que apresenta a necessidade de se repensar as políticas públicas e criar mais instrumentos para acolher essas pessoas na sociedade, tanto desses como de outros imigrantes que chegam diariamente ao município de São Paulo. O trabalho descreve com detalhes o sofrimento desses sujeitos, aponta a exclusão, invisibilidade e, sobretudo, o elevado sofrimento social. Homens com saúde, em idade produtiva e dispostos a trabalhar são levados a uma situação de privações e de revolta sobre a realidade brasileira e sua constituição racial e social.

O professor José Ailton acompanhou a trajetória da imigração haitiana para a cidade de São Paulo desde 2004, quando o Exército Brasileiro foi para o Haiti atendendo os apelos da ONU e deixou um legado bastante questionável, segundo Leticia Macedo, em matéria publicada em julho de 2021 na seção *internacional*, do Portal de Notícias do UOL, a operação deixou no país uma imagem manchada pelos abusos cometidos por soldados contra a população local, entre as denúncias temos o estupro como um dos crimes mais citados, “As milhares de denúncias de abusos sexuais contra a Minustah —praticados por soldados, funcionários civis da ONU e de toda a organização da ajuda humanitária— também mancharam a imagem da operação”, a jornalista falou com o estudante haitiano Eddy Celestian, que confirmou que, “Vários integrantes da Minustah tiveram filhos com mulheres haitianas, muitos frutos de estupro, e essas crianças estão atualmente crescendo sem os pais” (Macedo, 2021, s/p). Desde então, relata com uma riqueza de minúcias o atroz sofrimento que esses imigrantes sofrem desde que saíram da capital do Haiti, a segunda maior cidade do país.

José Ailton selecionou dados para sua pesquisa convivendo com a realidade dos haitianos em São Paulo, ele se juntou aos imigrantes, passando noites em pensões ocupadas por esses sujeitos, e chegou a dormir na rua para fazer companhia a um haitiano que não tinha mais economias e nem para onde ir. Esteve diversas vezes na Baixada do Glicério e conviveu com os integrantes da Missão da Paz aperfeiçoando o que nós historiadores chamamos de História Oral, ou seja, depoimentos do que esses sujeitos sentem e passam todos os dias desde que chegam com muitas esperanças à cidade de São Paulo. Demonstrando com clareza acadêmica as dificuldades e sofrimentos sociais de uma trajetória humana sem precedentes. Vejamos um trecho do relato sobre o sofrimento desses imigrantes na cidade de São Paulo,

(...) a pesquisa questiona se a maior metrópole do Brasil tem correspondido às expectativas desses imigrantes a partir do olhar deles. Para responder a essas indagações, o trabalho apresenta uma revisão de algumas das principais abordagens teóricas sobre migração e sofrimento social (...) São Paulo tem recebido esses imigrantes negros que não falam o idioma local e que se somam às mazelas sociais da metrópole com resposta imediata de altas cargas de racismo e xenofobia. Nesse sentido, a pesquisa questiona se a maior metrópole do Brasil tem correspondido às expectativas desses imigrantes a partir do olhar deles. Para responder a essas indagações, a tese apresenta uma revisão de algumas das principais abordagens teóricas sobre migração e sofrimento social. Para além dessas abordagens e para realizar essa pesquisa, Santos adotou uma metodologia rastreada na etnografia, que humaniza o trabalho científico a partir dos relatos reais de personagens que compõem o cenário, além de conceituações teóricas de outros pesquisadores. (Jornal da USP, 2018)

As demandas humanitárias em relação aos imigrantes latino-americanos não foram resolvidas e ultrapassaram as fronteiras do Brasil e seus vizinhos sul-americanos, elas têm sido cenário

de personagens diversificados da América Latina, como os haitianos na atual conjuntura e anteriormente os bolivianos explorados também na região da Estação da Luz como costureiros nas oficinas de costura de roupas que abastecem as lojas atacadistas da região central da cidade. Atualmente, essas fronteiras se preenchem ainda mais com novas presenças de novas ondas migratórias vindas do Norte do continente Sul-Americano, os venezuelanos, gerando no estado de Roraima uma triste e complexa situação de risco somada a das tribos indígenas em situação não menos ruins que, a depender da região geográfica são os atuais acolhedores de uma situação humanitária ímpar. É importante salientar que, especificamente no caso haitiano: “a atuação da chancelaria brasileira, em conjunto com os governos do Peru, do Equador e da Bolívia, é de suma importância para coibir a atuação de quadrilhas e dos coites, que exploram de forma desumana a fragilizada situação dos imigrantes.” (Moraes, et al, 2013, p. 98).

Segundo a pesquisadora da Universidade de Limoges, Dominique Gay-Sylvestre (2020), “O tema das migrações contemporâneas e os seus desafios nos levam a repensar algumas cenas cotidianas de vida e as relações sociais travadas pelas pessoas, assim como seus enfrentamentos, dificuldades, sucessos, alegrias e tristezas” mas também aponta que devemos estar atentos para uma questão fundante sobre o fenômeno migratório contemporâneo que são, “os posicionamentos dos países mais ricos em relação aos mais pobres e as grandes questões políticas e econômicas relacionadas com a temática das migrações”. Porém o que mais nos toca como reflexão na observação de Dominique é o tema sobre a segurança do migrante, que raramente é levado em consideração em nossas observações sobre os fenômenos migratórios no século XXI, a pesquisadora aponta que, “Deve-se, também, examinar as políticas públicas para educação, saúde, trabalho e assistência social e, ainda, a importância da defesa dos direitos humanos e dos direitos sociais”.

Finalizando, retomo o que indicamos lá no início em nosso resumo, a busca ilusória por parte desses haitianos de alcançar uma vida melhor em um país como o Brasil que conta com muitas mazelas sociais, políticas e econômicas. Os direitos humanos e as políticas públicas são sistematicamente desrespeitadas pela nova onda conservadora da política brasileira, o migrante é sistematicamente visto como uma ameaça em nosso país. Infelizmente!

## Referências bibliográficas

- Aguilar, P. (2019). Imigrantes haitianos em São Paulo revelam sofrimento social. <https://noticias.r7.com/sao-paulo/imigrantes-haitianos-em-sao-paulo-revelam-sofrimento-social-29062022/>
- Ângelo, E. (2022). *Memórias e experiências açorianas de viagem ao destino chamado Brasil*. In: GOMES, Edgar da Silva, et al (Orgs.). *Tecituras das cidades: história, memória e deslocamentos humanos*. EDUC. 39 – 69.
- Avelino, Y. (2008). *Vila Madalena e a imigração portuguesa: cultura, trabalho, religião e cotidiano*. In: MATOS, Maria Izilda, et al (Orgs.). *Deslocamentos e Histórias: os portugueses*. EDUSC. 293-302.
- Dornelas, S. M. (2018). Migrações Contemporâneas: desafios para a acolhida e a integração social a partir da pastoral do migrante. *Travessia: Revista do Migrante* (82) jan/abr., 121-144. disponível em: <https://www.corteidh.or.cr/tablas/30922-3.pdf>.
- Fausto, B. (2000). *Fazer a América*. EDUSP.
- Garcia, J. (2021). Presidente do Haiti foi assassinado por tentar enviar aos EUA lista de pessoas ligadas ao narcotráfico. <https://brasil.elpais.com/internacional/2021-12-13/presidente-do-haiti-foi-assassinado-por-tentar-enviar-aos-eua-lista-de-pessoas-ligadas-ao-narcotrafico.html>
- Gay-Sylvestre, D. (2020). Desafios Migratórios Contemporâneos. *Revista Trajetórias Humanas Transcontinentais*. <https://www.unilim.fr/trahs/2220&file=1/>



- Grondin, M. (1985). *Haiti: cultura, poder e desenvolvimento*. Brasiliense.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). *Relatório Anual OBMigra 2020*, Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/>
- James, C. (2010). *Os Jacobinos Negros: Toussaint L'Ouverture e a revolução de São Domingos*. Boitempo.
- Jornal da USP (4 do outubro do 2018). Exclusão e sofrimento marcam vida de imigrantes haitianos em São Paulo. <https://jornal.usp.br/ciencias/ciencias-humanas/exclusao-e-sofrimento-marcam-vida-de-imigrantes-haitianos-em-sp/>
- Lobo, E. (2001). *Imigração Portuguesa no Brasil*. Hucitec.
- Macedo, L. (2021). Haiti: Missão de 13 anos do Exército brasileiro deixou legado questionável. <https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2021/07/11/haiti-minustah-missao-de-paz-onu-exercito.htm>
- Moraes, I. A., Alencar de Andrade, C., Rodrigues, B. (2013). A Imigração Haitiana para o Brasil: causas e desafios. *Revista Conjuntura Austral* 4 (20), 95 – 114. <https://doi.org/10.22456/2178-8839.35798>
- Museu da Imigração (9 de setembro 2020). *Conhecendo o Acervo: Brasileiros na Hospedaria: A Lei de Cotas e a Lei dos 2/3 - novo projeto de identidade nacional*. <https://museudaimigracao.org.br/blog/conhecendo-o-acervo/brasil-brasileiros-na-hospedaria-a-lei-de-cotas-e-a-lei-dos-23-novo-projeto-de-identidade-nacional>.
- Pereira, M. (2002). *A Política Portuguesa de Emigração (1850- 1930)*. Edusc/Instituto Camões.
- Pomer, Leon. (1981). *As Independências na América Latina*. Brasiliense.
- Pozo, J. del (2009). *História da América Latina e do Caribe: dos processos de independência aos dias atuais*. Vozes.
- Saldívar Arellano, J. M. (2024). Migratory ages and transnational life of Chilote communities in Ushuaia, Tierra del Fuego, Argentina, from 1947 to 2018. *Espacio Regional. Revista De Estudios Sociales*, 1(21), 55-66.
- Santos, J. dos. (2018). *Haitianos em São Paulo: exclusão, invisibilidade social e sofrimento social*. [tesis doctoral] Faculdade de Saúde Pública da USP, São Paulo. <https://doi.org/10.11606/T.6.2019.tde-25062019-164357>
- Santos, I. P. dos. (2007). A Sociedade Promotora de Imigração: formação e influência, 1886-1895. *Revista Histórica do Arquivo do Estado de São Paulo*, (25) setembro.

